



Como vão os primeiros anos?

Uma situação que se constata frequentemente é a ausência de diálogo entre professores de diferentes ciclos e o desconhecimento dos objectivos dos programas em ciclos que não são os que leccionamos. Com o objectivo de contrariar esta situação, EM fez uma entrevista colectiva com colegas do 1º e 2º ciclo. Procurámos desta forma fazer um balanço de como estão a ser levados à prática os novos programas, e perceber quais as expectativas dos professores de um ciclo em relação ao outro. O espaço não nos permitiu reproduzir tudo o que foi dito, mas procurámos transmitir os pontos que nos pareceram mais polémicos. Não são ideias acabadas, não reflectirão com certeza as opiniões e o trabalho de todos, talvez nem sequer da maioria, mas pensamos serem questões interessantes para reflexão e discussão. As colegas entrevistadas foram a Isabel Pestana, Florinda Costa e Fátima Pedro.

A Isabel trabalha na Escola nº 2 de Vialonga, Forte da Casa, zona periférica de Lisboa com uma população originária de vários pontos do país e das ex-colónias, empregados de serviços de Lisboa. A Isabel tem 21 anos de serviço.

A Florinda e a Fátima trabalham na Escola EB 2,3 do Monte da Caparica e têm respectivamente 22 e 10 anos de tempo de serviço. A escola está inserida num bairro que apresenta inúmeras carências e com uma população culturalmente muito heterogénea e economicamente muito desfavorecida.

EM - Há pessoas que se queixam de algumas dificuldades de leitura e de apresentação dos programas. Que tipo de dificuldades de leitura encontraram?

Isabel - Não senti essas dificuldades, gostei da maneira como está o programa, partindo mais das situações problemáticas e do quotidiano das crianças, das realidades delas. No entanto seria mais fácil de ler se os vários blocos estivessem, para cada ano, todos juntinhos, e não estão. Cada bloco refere-se logo aos 4 anos. Era só mudar de sítio para facilitar a leitura.



EM - Em que é que os objectivos do ensino no 1º ciclo mudaram neste novo programa?

Isabel - O que eu acho mais importante é que há mais facilidade em pegar no programa. Não temos aquela obrigatoriedade de dar isto agora e aquilo depois. Partindo das realidades que as crianças nos trazem... Podemos partir daí para desenvolver uma situação problema. Não é tão rígido. Eu acho que mudou essencialmente o modo de trabalhar com os alunos, não

o fazer por fazer, mas sim que aquilo que fazemos na aula tenha a ver com a realidade, que sirva para alguma coisa, não é? Ao nível dos conteúdos não mudou muita coisa, só a maneira como eles são transmitidos, os métodos de abordagem.

EM - Dizes que há uma preocupação em respeitar a realidade das crianças, mas concretamente no programa de Matemática onde é que isso está expresso?

Isabel - Na Introdução do programa.

EM - Mas não há o perigo de muita gente não ler a Introdução e essa ideia passar ao lado dos professores?

Isabel - Mas é fundamental partir daí.

EM - Digamos que há uma preocupação em torno da resolução de problemas que antigamente não estava tão expressa.

Isabel - Não, não estava.

EM - Na tua escola costumam receber crianças que vêm já com a pré-primária feita?

Isabel - Este ano tenho um grupo em que nenhuma criança frequentou a pré-primária. Tenho muito mais dificuldades no grupo.

EM - Qual é a diferença?

Isabel - Os que vêm com a pré-

primária feita, já conhecem as regras de socialização, já fizeram pintura, manusearam os jogos e todos os materiais que são depois utilizados nas aulas de Matemática. É muito mais fácil depois continuarmos um trabalho com eles, ao passo que com os outros, que é o caso deste ano, tenho que começar por aí nos 3, 4 aninhos, em grupos, a fazer esses trabalhos que já não fariam.

EM - Há uma opinião, entre alguns professores do 1º ciclo, de que quando os alunos vêm da pré-primária são mais difíceis em termos de comportamento.

Isabel - Eu não gosto deles quietinhos. (risos) É muito mais difícil pô-los a dar opiniões, a falar, a discutir os assuntos, do que aos outros. Depende depois da maneira de gerir o trabalho na sala de aula.

EM - E em relação ao segundo ciclo, sentiram dificuldades na leitura do programa?

Fátima - Em termos de compreensão pareceu-me não ter tido muitos problemas, mas apercebi-me que com as



condições que tínhamos talvez não fosse muito fácil levar à prática algumas coisas. Não falo só de condições materiais, falo das nossas próprias condições...



EM - Quais as principais alterações?

Florinda - Uma alteração significativa é o desenvolvimento dos objectivos do programa em três colunas.

Temos a coluna das atitudes e valores que está relativamente bem desenvolvida, depois a coluna das capacidades/aptidões e a coluna dos conhecimentos. O programa desenvolve-se à volta dessas três colunas. [...] Parece-me que há mais preocupação em conseguir mudar e ser capaz de fazer diferente, o que nem sempre significa que a pessoa consiga, mas acho que já é um princípio, mas não é geral.

EM - A alteração dos programas vai traduzir-se fundamentalmente numa mudança de métodos, é afirmado.

Florinda - Vai traduzir-se, mas não disseram quando (risos). Vai-se traduzindo, e os responsáveis pelos programas ainda não fizeram nada por isso, ao contrário, durante muito tempo fizeram muito para que isso não fosse levado à prática; porque legislam de uma maneira no geral, mas depois no concreto a legislação sai para emperrar, para dificultar.

EM - Como por exemplo?

Florinda - Por exemplo, nos documentos de transição de ano. Ainda recentemente era o Conselho de Turma que deliberava se o aluno passava ou reprovava, não é? Agora não! Agora já contam o número de negativas. Agora o aluno já não é visto como um todo. Os professores são capazes de lidar com mais facilidade se lhes disserem: tem três negativas pode passar. Isto é falta de formação, claramente. Esta coisa de não haver reprovações, a reprovação ser um acontecimento extraordinário?! Na minha escola mais de 50% dos alunos têm avaliação sumativa

extraordinária no 5º e no 6º anos! Isto quer dizer que não é nada extraordinário, é o normal...

EM - Então há mais insucesso que antes, no 5º e 6º anos?

Florinda - Na prática não é assim. No 2º período é assim e depois no 3º, muda tudo outra vez, porque no 2º período apertamos para não sermos surpreendidos. Os alunos não podem saber que vão passar de certeza. Temos que lhes dar um susto e estes 50% é o susto. Eu acho que há um desfazamento entre a avaliação e os programas. A avaliação é uma prova igual para toda a gente, de norte a sul do país, ou que é igual dentro da mesma escola, ou que é igual para toda a turma, já só isso chega, porque afinal eles são todos diferentes. Estes programas são feitos no sentido de desenvolver o indivíduo enquanto pessoa. Cabe-nos a nós criar na escola condições para que aquele indivíduo se desenvolva e aprenda, porque o que é natural é que os indivíduos aprendam. Por isso é que eu acho que as outras duas colunas, as tais duas primeiras colunas, são fundamentais — desenvolver o espírito de tolerância, ouvir o outro com uma opinião que é diferente da minha, e saber essa diferença e ter prazer nela... é um mundo de aprendizagem que nós temos de fazer mas não é, de certeza, a ensinar a dividir com um algarismo no divisor e a todos ao mesmo tempo, e quem não aprendeu é burro e fica rotulado, tem dificuldades de aprendizagem. Eu constato todos os dias, que foi a forma como aprendi que me bloqueia agora e me impede de fazer as coisas a direito. Foi a tal rigidez que não tem nada a ver com o desenvolvimento do indivíduo, não é? Não sei se no século XXI nós lá chegaremos, mas agora não temos sequer professores para isso porque os professores aprenderam como aprenderam e têm que querer realmente mudar.

EM - Mas então assim estás a dizer que isto nunca vai melhorar, porque os professores aprenderam como aprenderam, continuam a ensinar como aprenderam ...

Florinda - Estou a dizer que é preciso fazer formação de professores a sério e criar nas escolas reais condições para desenvolvimento do trabalho de equipa.

EM - E o que é formação de professores a sério?

Florinda - A formação de professores a sério não são cursos tirados fora da escola. Devia ser na própria escola. Temos que lá levar as pessoas que sabem. Não é para nos ensinar é para nos ajudar a aprender, para nos fazerem tropeçar, para nos porem os engulhos que nos fazem dizer "Ah! Pois é".

Fátima - Eu sinto falta de experimentar coisas novas, mas acabo por fazê-las sozinha porque não conseguimos arranjar tempo para nos encontrar, e é à hora de almoço ou nos intervalos que dizemos umas às outras — olha fiz aquilo assim, depois aconteceu isto e aquilo. Estas coisas são importantes. Por exemplo, com o tipo de apoio que temos lá na escola, que é o apoio integrado na sala de aula, vamos dando conta de algumas situações nas aulas das colegas. Não é para dizer olha que fizeste aquilo mal, é para nós estarmos a ver como é que somos a funcionar. Tudo isto é enriquecedor.



EM - Vocês acham que isto passa, em parte, pela organização dos professores, dentro da própria escola, ou do grupo de professores de Matemática?

Florinda - Passa também, no meu ponto de vista, por uma redefinição de competências. Nós teríamos de criar um cargo novo que era o de delegado à formação contínua, em vez de ser só o delegado de disciplina. Devia haver uma outra pessoa dentro do grupo que tivesse a seu cargo a formação contínua dos professores.

EM - E em relação ao 1º ciclo, esta questão da formação?

Isabel - Esta formação que agora apareceu, onde as pessoas vão para conseguirem os créditos, não me diz nada. Eu penso que também está aí o grande problema da formação. Ou se vai porque se quer aprender ou porque aquele tema nos diz alguma coisa e é importante para trabalhar numa escola com os alunos, ou então se vai para se conseguir os créditos...



EM - Mas não achas que há pessoas que se calhar nunca fariam nenhuma formação, e deste modo pode ser que façam qualquer coisinha?

Isabel - Pode ser que façam qualquer coisinha, mas não lhes serve de nada a não ser pelo papel que vão pôr no relatório. Porque mesmo indo lá e fazendo assim qualquer coisinha, se as pessoas não quiserem pôr em prática aquilo que ouviram ou muitas vezes nem ouviram, também não vale a pena.

EM - Então como é que achas que devia ser a formação?

Isabel - Penso que é assim, por exemplo, no primeiro ciclo, das seis que temos o 1º ano, duas ou três trabalhamos em conjunto. Não seguimos as aulas passo a passo, mas fazemos mais ou menos aquele trabalho conjunto dos projectos na turma, comentamos e falamos as coisas que fazemos e planificamos o ano e as actividades. Uma equipa em todos os anos. Penso que assim dá resultado.

EM - E achas que essa formação chegava?

Isabel - Não, a formação que se está a fazer agora também é importante, mas não... com carácter obrigatório. Florinda - Mas há um problema: a Escola não cria condições para a pessoa se desenvolver. Se a pessoa tem iniciativa de querer fazer isto ou aquilo, só se lhe levantam obstáculos.

EM - Achas que esta questão também se põe no 1º ciclo?

Isabel - Sim. Não por influência do Conselho Directivo, mas dos próprios colegas, a resistência dos próprios colegas à mudança. A maneira de trabalhar diferente e depois o saber como é que isso é transmitido aos pais, porque depois os pais também comparam o que os alunos fazem, o que é que as outras turmas fazem e como é que as matérias estão a ser dadas. Aquela professora está a trabalhar daquela maneira, será que o filho vai aprender ou não? e a outra, que trabalha no método tradicional... assim é que é bom, assim é que ele vai progredir.

EM - No 1º ciclo ouve-se dizer que os pais, por vezes, fazem resistência à mudança de métodos de trabalho.

Isabel - Depende da professora se sabe ou não transmitir o que está a fazer na sala de aula, daquilo que se exige que eles saibam realmente. Mas é preciso que a professora acredite no que está a fazer. Se a pessoa não lhes souber transmitir e não lhes der conhecimento... Eu acho que é importante que os pais também conheçam o programa.

Florinda - Aliás isto tem que ser uma discussão pública, porque isto não é só para os pais, isto é para o cidadão. É sempre mau que os pais não venham à escola, nunca pode ser bom. Os filhos são deles, não é? A criança devia ser educada por aquele conjunto que é o professor e os pais.

EM - A Florinda e a Fátima disseram há pouco que estavam a tentar mudar o trabalho na sala de aula, na sua escola. Podem dar alguns exemplos concretos?

Florinda - Por exemplo, não fazemos a avaliação dos alunos com a tradicional ficha de avaliação que se faz duas vezes por período e em que ainda há pessoas que fazem a média aritmética entre as percentagens obtidas. Fazemos mini fichas de avaliação que são fichas pequenas, na generalidade para serem resolvidas em dez minutos a um quarto de hora na aula, uma por semana ou por quinquena. Não há regularidade mas é assim, fazemos muitas. Avaliamos muito com base nos trabalhos que eles vão desenvol-

vendo, ou seja, não tomamos como registo de avaliação apenas o resultado de uma ficha de avaliação, mas vamos ver como é que se desenrolou a actividade e recolhemos o trabalho feito para ficar a saber como é que cada grupo e cada aluno a desenvolveu. Numa tentativa de entrar pela diferenciação, fazemos mini fichas diferentes, de complexidade diferente. Queremos poder dar ao João, que ainda não atina com aquilo, uma coisa muito simples que o leve a perceber que afinal consegue aprender e que tem também verde (nós lá avaliamos com verde, amarelo, vermelho...) como o outro teve, só que o outro resolveu uma ficha mais difícil do que a dele, mas não faz mal, porque aquele andou na pré-primária e ele não. Este não resolve aquela tão difícil mas resolve outra difícil de outra coisa, por exemplo de geometria de que tem muito mais facilidade do que o colega que calcula mentalmente com muita facilidade... Há conteúdos para os quais temos as actividades mais desenvolvidas do que outros, mas isto é um trabalho que não tem fim.

EM - O que é o apoio integrado nas aulas que a Fátima há pouco falou?



Fátima - Começamos no ano passado. A Florinda tinha uma com alguns alunos com dificuldades e eu fui contactada para dar apoio a um deles. Em vez de eu lhe

dar apoio a uma hora qualquer, numa sala qualquer, ia dar esse apoio numa das horas de aula. Por acaso acabei por não estar só a ajudar esse aluno, acabei por ajudar um grupo de alunos que também tinham dificuldades. A Florinda procurava organizar actividades em trabalho de grupo. Nestas aulas é sempre difícil o professor dar conta daquilo tudo, os alunos estão sempre a chamar... e eu estava com aquele grupo que tinha mais dificuldade, que precisava do professor sempre ali. Entretanto havia mais colegas também nessa situação. Este ano, continuamos a fazer este tipo de

apoio. Não quer dizer que o apoio seja todo assim, nem que seja bom ser todo assim, foi uma experiência que parece que não resultou muito mal. Florinda - Tem um aspecto altamente positivo que é levar o professor a abrir a porta da sua sala a outro professor. Isto é um ganho que não tem tamanho.

EM - O que é que se dá de Geometria no 1º ciclo?

Isabel - São as formas, as linhas aberta e fechada, dentro e fora, os sólidos, têm que conhecer alguns e até construí-los, e depois as figuras geométricas. Por exemplo, fiz com eles a história da quadradinha a propósito do Carnaval e das figuras geométricas. Nunca mais se esquecem, com certeza...

EM - O que é isso da história da quadradinha?

Isabel - Tirei a ideia da Rua Sésamo.

Como estávamos a fazer as figuras geométricas achei que podia aproveitar isso para as máscaras e fizemos com cartolina as figuras



geométricas, o quadrado, o rectângulo, o círculo e o triângulo e a partir daí cada um foi interpretar a história do João Rato. A quadradinha não quis casar com o triângulo, nem com o rectângulo... só escolheu o quadradinho porque não gostava dos outros e depois casaram, foram muito felizes, tiveram uns quadradinhos e umas quadradinhas... (risos)

EM - O programa diz que no 3º ano se deve dar o conceito de divisão e de dividir por um algarismo — não diz isto expressamente, mas está implícito — e que o algoritmo da divisão só deve ser trabalhado no 4º ano. O que é que no 1º ciclo, concretamente em relação à divisão, se faz, e o que é que se espera que se faça no segundo?

Isabel - Isso tem muito a ver connosco. Para já tento que seja cumprido o programa, mas depois, há crianças e crianças. No outro grupo que eu deixei, por exemplo, havia crianças no

3º ano que já dividiam por um número com dois algarismos, porque eles próprios perceberam a mecânica e faziam, porque queriam fazer... para descobrir. Havia outros que não faziam, e que chegaram lá com mais dificuldade. Isso tem tudo muito a ver com a maneira de trabalhar!

EM - Mas tu achas que, por exemplo, o facto de não saberem dividir, fazer contas...

Isabel - Acho que não é importante.

EM - E vocês, o que é que acham?

Florinda - Deparamo-nos com dois tipos de dificuldades, que é a não compreensão do significado da operação em si, e o não saberem realizar o algoritmo. Esta... não sei se é melhor ou pior, porque não sei o suficiente para poder dizer o que é pior, mas a máquina de calcular facilita o não saber o algoritmo, não é? e a não compreensão das coisas inviabiliza resolver um problema.

Isabel - Eu penso que é mais importante a compreensão...

Florinda - Dá-me vontade de não ser tão absoluta nisso. Eu aprendi o algoritmo quando as expectativas da sociedade eram que eu o aprendesse. Se foi bom ou mau que tivesse aprendido, não sei dizer. Talvez nós pudéssemos explorar a capacidade de memorização que os miúdos têm nesta idade, levando-os a saber coisas com menos significado, ou com nenhum significado.

EM - Como é que os professores do 1º ciclo respondem a isto? Têm dúvidas também, ou apesar de haver dúvidas há algumas certezas?

Isabel - Como eu disse, eu penso que é mais importante eles compreenderem o que é que estão a fazer, mas também acho que têm que ter o mínimo de conhecimentos da operação, do algoritmo. Mas... isso não é tão importante...

EM - Posso pôr a questão assim: toda a gente espera que os professores do 1º ciclo ensinem os algoritmos, as 4 operações, com calculadoras ou sem calculadoras. Parece haver professores do 2º ciclo que acham que não têm que fazer isso, que isso é um

trabalho do 1º ciclo. Que é que pensam?

Florinda - É assim em parte. Eu acho que o 2º ciclo, dá mais um passo para a ampliação do conceito de número.

EM - E o conceito das próprias operações?



Florinda - Nos últimos anos encontro alunos que não sabem subtrair. E eu não sei ensinar direito porque também não sei como é que eles aprenderam,

porque aquela coisa do pedir emprestado... no meu tempo pedia-se emprestado ao do lado. Estou a falar do algoritmo da subtração. Só depois de ser professora é que percebi por que é que uma pessoa dizia e vai um e juntava ao de cá de baixo. Não sei se isto é vergonha dizer, mas é verdade.

EM - Mas não achas que os professores do 2º ciclo deviam também saber como é que os algoritmos podem ser ensinados, numa perspectiva de escolaridade de 9 anos?

Florinda - Tem de ser obrigatoriamente. Porque se eu digo que a reprovação é uma situação extraordinária, se o aluno não aprendeu, tem que aprender, não é? Tenho que ser eu a ensinar-lhe dado que ele não conseguiu aprender no tempo anterior. Agora, tenho consciência de que não sei fazer isso direito e faço-o de uma maneira maçadora.

Fátima - Eu posso só dizer uma coisa, a propósito desta história dos algoritmos. Às vezes até podem ser um bocado impeditivos do cálculo. Lembro-me uma vez... numa aula... os alunos tinham que representar a fracção dez meios através de um número inteiro. Um aluno disse logo: "Divide-se o dez por dois, mas não sei dividir!". Isto era no sexto ano. "Não sabes? Então olha lá, é tão simples, dez a dividir por dois, pensa lá um bocadinho". "Não sei dividir, não sou capaz!". "Então quanto é metade de dez?". "É cinco!". Afinal, ele tinha a noção, ele sabia que

metade de dez era cinco... Não relacionava a metade com a divisão... o que é tão estranho...

EM - Vamos falar um pouco sobre calculadoras. Como é encarada esta questão no 1º ciclo?

Isabel - Acho que ainda usam pouco.

EM - Ainda há resistência por parte dos professores? Ou falta de hábito?

Isabel - Também falta de hábito...

Penso que têm mais receio que eles não aprendam a tabuada, penso que é isso.

EM - Costumavas utilizar com estes alunos que saíram do 4º ano?

Isabel - Com os que saíram, não tanto como gostaria já de ter feito, mas um bocadinho.

EM - Como eram usadas?

Isabel - Como é que podiam mexer nelas, para que é que serviam, descobrir as contas com a calculadora... Foi muito pouquinho o que fiz com este grupo que saiu, mas já havia uma calculadora por grupo para trabalhar... Pelo menos mexeram nelas, não fiz muita coisa.

EM - Como é que se gere aquela situação de que os professores se queixam, por vezes, que é terem a calculadora no relógio e servirem-se dela numa altura em que o professor não quer?



Isabel - Pois, isso da calculadora no relógio começa agora a aparecer, mesmo com o grupo que deixei,

alguns já levavam sem ser eu a dizer-lhes... isso aí era aproveitado logo... se eles traziam, melhor ainda.

Fátima - Por mim, não impeço a utilização da calculadora, se bem que muito poucos levem, são miúdos com algumas dificuldades a nível económico.

EM - Eles sentem a calculadora como algo proibitivo?

Fátima - Pois, exactamente. Em certas alturas eu digo-lhes para eles trazerem a calculadora porque vai facilitar o cálculo de qualquer coisa que vão fazer, mas se eles trazem e se a usam

mesmo sem eu pedir, por sistema não impeço.

EM - E nos testes?

Fátima - Quer dizer, nem se me coloca a questão, porque como fazem aquelas mini fichas de avaliação, de que a Florinda falou, e estão mais ou menos bem preparados, penso que acabam por nem sentir necessidade de a usar.

Florinda - Eu acho que basicamente nós temos as coisas arrumadas na nossa cabeça assim: se o que estamos agora a aprender é a dividir ou é a multiplicar... não usam máquina de calcular, têm uma tabuada na frente ou têm materiais para manipular.

Máquina de calcular, eu não quero, e explico porque é que não quero. Estamos a organizar a cabeça em termos de cálculo...



EM - E porque é que precisam da tabuada à frente?

Florinda - Não é a mesma coisa que usar a calculadora, porque um recurso à tabuada vai permitindo memorizar. Quando estamos a resolver problemas, a fazer reduções à dízima por exemplo, a estudar as fracções, a ver se representam um número maior ou menor que um... então vamos à calculadora, para que a dificuldade do cálculo não bloqueie a aprendizagem daquilo que eu quero que ele aprenda. Não sei se isto é assim, mas é isto que tenho metido na cabeça.

EM - Então vocês estão a criar actividades, mas actividades de descoberta, de regularidades, experimentação, etc., com utilização da calculadora, não fizeram?

Florinda - Não.

EM - Achas que os programas são viáveis nas três colunas que são apontadas, ou ainda temos problemas por serem muito extensos?

Florinda - Eles são viáveis se os professores tiverem condições para trabalhar e se, para além de tudo o que já foi dito, o professor tiver um tempo em que os seus alunos, sabendo que ele está na escola, lhe possam ir fazer perguntas... Estando como estamos, na situação actual, não há lugar ao cumprimento dos programas.

EM - E no 1º ciclo?

Isabel - A nível de extensão não senti dificuldades.

EM - Para acabar, e em termos de resumo, qual foi, na vossa opinião, a maior vantagem na mudança dos programas, e a maior falha?

Fátima - Eu acho que haver a possibilidade ao recurso das novas tecnologias, e a uma situação de sala de aula que pode, de facto, ser diferente, é bom. A maior falha é a dificuldade que temos em concretizar as coisas, não é pelo programa ser extenso, é por vários factores... que vão desde poder haver muitos miúdos numa turma não haver materiais à disposição...

Florinda - Para mim, o que estes novos programas têm de melhor, é considerarem o aluno como um indivíduo único com o qual eu tenho de me preocupar, e perceber o seu desenvolvimento e contribuir para ele. Quais os principais impedimentos? A formação dos professores.

EM - E em relação ao 1º ciclo? O que é que ficou melhor?

Isabel - Foi a maneira de estar com eles na sala, o trabalho ser diferente... o uso de materiais... a ausência de rigidez... cada criança seguir o seu ritmo normal.

EM - E o que é que falha?

Isabel - É mais difícil gerir a classe. Dá muito trabalho fazer isso. Por isso às vezes falha... Se calhar, a questão da formação também se põe aqui, para haver mais pessoas a fazer a mesma coisa, e haver mais ânimo para poder trabalhar assim.

(Entrevista conduzida por Ana Vieira, Lurdes Serrazina e Maria José Boia)

